

I Encontro da Fundação Lucinda Atalaya

A educação está no palco!
A educação hoje: na família, na escola, na sociedade

Por Pedro Branco

Prof 1º ciclo, Licº em ciências da Educação

Vigilante

*Quantos passos dei pela tua mão?
Forte. Na vigilância do olhar
Como uma flor
Sempre pronta a encher o ar de sabedoria e perfume
E as palavras de ternura e poesia...
Quantos passos dei na tua casa
A nossa casa!
Cheia de histórias e meninos e música e rodas e vida
A nossa casa és tu.
Uma casa de canteiros e areia pintada a garatuja e sonho
E eu vivi nela!
Pintei as cores da minha juventude
O amor do meu corpo em cada corrida no recreio
Um salto, um grito, uma canção...
Nos passos que dei pela tua mão.
E aprendi a andar!*

Poema dedicado a Lucinda Atalaia.

Terão forçosamente todas as cores de dar em negro?

Sempre quis ser professor. Desde os três anos de idade, dizem os meus pais. Por isso, posso afirmar que há mais de quarenta anos que não saio da escola...

Não me lembro quais as razões deste desejo ou obsessão, mas o facto é que lá fui caminhando, de escola em escola... até à escola. Lembro-me do entusiasmo dos primeiros tempos de formação inicial, que se foi esbatendo com a realidade... da escola. Lembro-me da minha primeira aula, na Primária anexa ao Magistério de Lisboa, e do enorme fracasso que foi, por ter querido que fosse... igual a todas as escolas, o que nada tinha a ver comigo (um lado irreverente, revolucionário, criador, escolasticamente incorrecto) ou com aquilo que ainda não pensava muito bem, mas já sentia como uma realidade terrível: **não gosto da escola que temos, da cultura de escola que temos.**

Esta ideia foi-se enraizando e desenvolvendo ao longo dos anos, à medida que ia entrando na profissão. Não por ter sofrido na pele essa escola, mas por ter tido a sorte de passar por outra escola – inicialmente o Jardim Infantil Pestalozzi e um pouco mais tarde o Externato Fernão Mendes Pinto. Com efeito, a minha escola não era aquela escola de que não gostava. Era, ao contrário, um lugar de enorme respeito e carinho; um lugar de

cultura e construção cultural; um lugar de criatividade; um lugar de brincadeira; um lugar de profissionalismo e competência...

E eu, se calhar ao contrário de muitos professores de outras escolas, amava a minha escola, a minha profissão, os meus alunos, as dificuldades e os obstáculos, o trabalho. Este facto – a par de um contacto cada vez mais intenso com muitos outros colegas – gerou em mim outra ideia, que, infelizmente, continua demasiadamente incrustada e cada vez mais real (apesar de ter a consciência de que existem muitos heróis nas escolas e de que haverá bastantes profissionais que se esforçam e se dedicam aos alunos): **não gosto da maioria dos professores da escola, da sua cultura, daquilo que fazem (ou não fazem), da forma como pensam (ou não pensam), do seu individualismo e espírito competitivo no seio da própria profissão, no fundo, do seu alheamento que os leva a não quererem aproveitar o seu poder para mudar a escola, porque, em última análise, não gostam da escola, nunca gostaram ou têm raiva dela** (basta ver, por exemplo, a forma como a maioria reage a tarefas que tão bem sabem exigir aos alunos, mas que normalmente só realizam contrariados, obrigados e até com uma qualidade duvidosa: refiro-me a escrever e estudar; ou à forma como tratam os seus alunos, sobretudo os que lhes fazem mais frente).

Pertenço, portanto, a uma classe profissional de que não gosto e aceitei trabalhar numa estrutura de que não gosto. Mas... ao contrário do que poderia acontecer, não fui entrando em depressão!

Em vez disso, assumindo estes dois aspectos (que na minha opinião abarcam muita da responsabilidade da escola que hoje ainda temos), procurei encontrar, promover e intensificar espaços de felicidade e partilha, dentro e fora da minha sala de aula, nos recreios, nas sessões de trabalho/formação/auto-formação com outros colegas de profissão, etc., com humildade e honestidade intelectual e afectiva.

E é por isso que continuo a aprender... na escola, com os alunos. No sentido completamente oposto às marcas ainda demasiadamente visíveis dos traumas do Estado Novo, que fez a escola e os professores à sua imagem. Porque a minha escola me vai ensinando a amar a escola, porque a tento mudar; porque as crianças precisam desta espécie de marginalidade e força interior para não caírem num ofício de aluno sem interesse e com pouco sentido a que a escola e a sociedade os obriga; para que se possa fazer qualquer coisa... não desperdiçando algo a que não temos direito: a vida das pessoas!

Temos uma escola onde se pratica a mediocridade, a crueldade até. Temos uma escola que em termos globais ainda tem as características principais da escola massificada inventada no Séc. XVII, que evoluiu muito pouco ou não evoluiu, que se recusa a aprender com os avanços das Ciências, que desperdiça e trai mesmo algo que deveria receber um

olhar completamente diferente: a escola é o principal espaço de vida e crescimento das crianças e jovens!

Que bênção poderíamos ter melhor que esta? Criar as melhores condições na construção e manutenção desse espaço privilegiado... Construir, aprender a construir esse espaço humano fundamental no desenvolvimento individual e social, aceitando a cooperação como um valor essencial... Criar e recriar e criar e recriar a cultura e os afectos promovendo um dia-a-dia aconchegante, intelectualmente desafiante e profissionalmente competente onde a vida, em última análise, faça efectivamente sentido...

Pediram-me para vir aqui falar da Educação hoje e... traço-vos este quadro negro. Mas é o que temos, infelizmente. Algo de completamente contrário ao sorriso ou ao olhar doce da Lucinda, não é...?

Até quando? Não sei. Mas penso que ainda é possível mudar se quisermos. Como? Também não sei. Talvez vos deixasse com a seguinte imagem: O Professor Agostinho da Silva foi várias vezes ao Jardim Infantil Pestalozzi para... dar aulas? Não! Para conversar com os meninos. Foram momentos de plena sabedoria aquelas conversas. Por ele e por elas. Rendido, ia-me deixando encantar e apaixonar pelo que se estava a passar. Claro, só em estado de encanto e paixão se poderá mudar seja o que for e ser feliz.... Uma criança, a determinada altura, vira-se para o Professor e faz-lhe a seguinte pergunta, num misto de politicamente correcto e pureza infantil: "O que devemos fazer para melhorar o mundo?" O Professor, no seu tom pausado, humilde, sábio e ternurento, aponta para um papel no chão e responde-lhe: "Podes começar por apanhar aquele papel ali."

Pois... que dizer mais? Podemos mudar a escola? Parece simples dizer "Comecemos pela nossa sala de aula, então." Eu acrescentaria: Encantemo-nos por ela e pelos meninos; Amemos a nossa profissão e a nossa sorte, assumindo a escrita e a leitura como o nosso instrumento de trabalho, uma vez que somos trabalhadores intelectuais; façamos das dificuldades (e são cada vez mais...) e da cooperação catalisadores da nossa força e não aproveitemos o mínimo pó para nos queixarmos, nos desresponsabilizarmos, nos justificarmos das nossas incapacidades ou mesmo desistirmos; aceitemos que o professor já não é aquele que sabe tudo e nunca erra... ao contrário, cada vez mais temos de aceitar as nossas fragilidades, inseguranças e limitações para nos fortalecermos no trabalho cooperado com os nossos pares e os nossos alunos (que diria a minha professora primária, de que tanto gosto, se lhe dissesse que trabalho cooperadamente com os meus alunos?)...

Parece tão simples... Mas eu sei que não é. E não é MESMO. Eu sei. E sofro bastante com tudo o que me acontece todos os dias, acreditem. Mas se pensarmos em coisas simples, em última análise, em coisas da vida e não em coisas da escola (escolarizantes), talvez possamos encontrar uma maior e melhor corrente para as nossas escolas e, logo, para a nossa felicidade e a dos nossos alunos. Coisas tão simples como ouvir música enquanto se

trabalha, comer uma fruta enquanto se lê um livro, pintar um quadro para embelezarmos as paredes da nossa sala ou lermos para os colegas um texto que fizemos, etc., etc...

“Na vigilância do olhar. Como uma flor.”

Termino com uma canção, claro. Foi a cantar que aprendi a ser feliz na escola. Na escola da Lucinda.

O Outro Lado

Letra e música: Pedro Branco

Pode alguém ser só metade
Sorrir sem estar contente
Pode alguém dizer verdade
Quando toda a gente mente

Vem deitar-te a meu lado
Vem contar-me o teu segredo
Quero sentir-me abraçado
Contigo eu não sinto o medo

Podes tu saber contar
A história mais querida
Dar-me a mão e completar
O outro lado da minha vida